

BaFin o décimo terceiro

Um dia 13 de abril no comitê de investigação do Wirecard

#Wirecard #BaFin #Bundestag

Era um dia 13 de abril semelhante à primavera em Berlim, ensolarado mas ainda um pouco gélido, quando dois gerentes da autoridade de supervisão bancária da Alemanha mais o próprio ex-diretor do BaFin foram convidados a testemunhar mais uma vez diante do Wirecard comitê de investigação do Bundestag alemão. Nas semanas seguintes à última aparição de Raimund Roeseler, Elisabeth Roegle e Felix Hufeld há alguns meses, algumas questões tiveram que ser esclarecidas, uma vez que vários e-mails e documentos escritos foram recebidos entretanto.

O interrogatório do trio BaFin foi aberto com um questionário de Raimund Roeseler, que era responsável pelo Wirecard Bank na BaFin. Roeseler parecia cansado, visivelmente absorvido por um fardo que certamente começou a cair também em seus ombros - ou seria apenas o frio? Seu advogado à sua esquerda permaneceu mais reservado, o sorriso malicioso periódico do advogado parecia mais artificial do que revelar conhecimento.

“Quando as coisas ficaram um pouco assustadoras na Wirecard para você?”, perguntou um membro do comitê de investigação, ao que Roeseler respondeu no início de 2019, quando os relatórios do Financial Times foram publicados, revelando que eles não foram apenas esquecidos, mas levados a sério bem cedo na BaFin. “Se os aspectos financeiros da Wirecard pareciam suspeitos em um estágio inicial, por que eles não responderam de acordo?”, Foi a pergunta de acompanhamento à qual Roeseler respondeu que BaFin reagiu, embora tenha cometido erros, tanto na forma como respondeu bem como em termos de tempo. Afirmou que se apoiavam fortemente nos balanços dos auditores, que foram tidos como válidos e correctamente preparados. Às vezes, ele apenas desejava mais coragem de seus colegas do BaFin, o que levanta a questão de quem ou o que foi realmente responsável por uma cultura oficial do medo alemã no BaFin. Ao todo, Roeseler parecia bastante reflexivo e tentou se engajar no controle de danos. Ele admitiu que “nem sempre foi informado sobre toda a verdade” na BaFin e “as coisas às vezes se confundiam” lá.

A segunda testemunha do BaFin não chegou nem perto de tanta auto-reflexão. Durante sua aparição, a diretora-chefe do BaFin, Elisabeth Roegle, tentou tudo que podia para destruir qualquer dúvida sobre a infalibilidade e precisão do BaFin, bem como as de suas próprias ações como uma gota de chuva em uma jaqueta para qualquer tempo recém-impregnada. Ela foi questionada se ela saberia este ou aquele e-mail, no qual, por exemplo, às 6 horas da manhã no dia em que a proibição de vendas a descoberto foi anunciada, ela



informou a um funcionário da Associação de Proteção ao Investidor da Alemanha (DSW) que algo grande estava prestes a acontecer hoje. Completamente normal, ela respondeu, ela geralmente entra no escritório muito cedo, fria e normal para BaFin informar outras pessoas e trocar ideias com elas. Será que ela estava de alguma forma eufórica e exuberantemente alegre com o sucesso do projeto de proibição do vendedor a descoberto que estava promovendo, teria esquecido completamente a necessidade de pensar tudo novamente por um ou dois dias? Roegele respondeu com uma longa conversa verbal, nem sim nem não.

Quando um membro do comitê investigativo começou a tirar várias conclusões lógicas das próprias declarações de Roegele, seu advogado, que estava sentado ao lado dela, se intrometeu. Ele já está farto de que seu cliente seja "confrontado aqui apenas com pontos de vista pessoais e subjetivos". Em resposta, ele recebeu outra conclusão lógica das declarações de Roegele por um dos membros do comitê, após o que o advogado gritou alto no corredor para alardear sua própria opinião jurídica, cite: "lógica é opinião!" até Munique, parecia.

As declarações duvidosas de um ex-infrator da legislação antidrogas ao promotor público de Munique foram anunciadas a ela "por um dos escritórios de promotores mais respeitados da Alemanha". Ela não podia ignorar isso e, em sua opinião, a pistola do ladrão teria sido muito mais conspiratória na época se alguém duvidasse que os relatórios do Financial Times de Dan McCrum foram publicados devido ao conhecimento avançado (!) interno. A jaqueta da Sra. Roegele parece ter acabado de ser desmaterializada após uma caminhada no Saara para ressurgir diretamente aqui no salão do Bundestag alemão.

O ex-diretor Felix Hufeld, que esteve no comando da BaFin por seis anos, completou o trio com uma advertência de supervisão muito eloquente a alguns membros do comitê investigativo do Wirecard. Ele se senta em sua cadeira como um colosso alemão, bem alimentado e bem articulado, ele era o supervisor de todos os bancos na Alemanha e se ele decidir que o Wirecard deve ser visto como uma holding financeira, todos precisarão seguir sua decisão. Mas então, depois de uma série de explicações sobre o que ele fez e não fez, quais e-mails ele sabia e não sabia, como ele viajou para os Estados Unidos e quão pouca influência teve nos níveis de execução do BaFin abaixo dele, de repente ele afirma que "coordenou várias vezes" com o presidente do conselho da Wirecard, Thomas Eichelmann, sobre a questão polêmica de transformar a Wirecard em uma holding financeira, uma vez que ele também é um gerente bastante cooperativo e certamente não queria uma armada de advogados da Wirecard contra ele na disputada questão da holding financeira. Que Eichelmann usou ainda em 2020 para anunciar abertamente que BaFin estava no convés do capitão do Aschheim-Titanic, de acordo com e-mails lidos abertamente apresentados em 13 de abril de 2021.



Felix Hufeld

Foi assim que as coisas aconteceram, disse Hufeld, mas ele estava suficientemente distante de Eichelmann.

Hufeld então deu algumas dicas interessantes sobre as perspectivas de emprego que ele poderia ter no futuro próximo, contanto que seu ex-empregador Banco Central Europeu lhe permitisse perseguir seus objetivos. Apenas para dizer adeus em uma pintura geral que o fez parecer um dos vencedores do tabagismo de todo o escândalo Wirecard, rapidamente reservando um assento no último barco salvavidas da Aschheim AG para que Olaf Scholz do Ministério das Finanças da Alemanha pudesse secretamente abrigar o BaFin chefe a estibordo. Talvez indo para a América por um tempo, como Karl-Theodor zu Guttenberg?

Além de uma série de déficits e discrepâncias, o trio revelou de uma forma muito mais interessante defeitos abrangentes no que poderia ser resumido sob o termo coletivo cultura de gestão e que estão particularmente associados à Alemanha. Enquanto o mundo dos negócios anglo-americanos produz indivíduos em todas as formas positivas e também negativas que têm as habilidades para levar suas idéias, noções e especialmente suas decisões de negócios estratégicas para os cantos mais distantes de uma empresa, as universidades alemãs e escolas de administração produziram principalmente indivíduos no passado, que buscavam principalmente compromissos e cooperação. O resultado é um mundo paralelo supranacional intimamente entrelaçado na Alemanha e na Europa, no qual os membros do conselho e os níveis de alta administração conversam exclusivamente com políticos selecionados que precisam de cooperação. Esse comportamento não só possibilita saltos de carreira poderosos e vantagens para os projetos da própria empresa, mas também a delegação e, em certa medida, a proteção contra falhas catastróficas de gestão.

O trio BaFin demonstrou isso em 13 de abril de 2021 de uma forma dramática e quase teatral no salão europeu do Bundestag. Aqui o chefe de departamento preocupado e estressado, que ninguém realmente queria ouvir, lá o gerente irrefletido que parecia mais interessado no ambiente externo do BaFin do que na supervisão financeira real, aqui o capitão, que faz as coisas, mas não necessariamente tem que fazê-las, "entre o mandato político e os requisitos legais", disse Hufeld, "há um milhão de possibilidades".

As questões relacionadas a novos processos criminais parecem estar surgindo, agora que a investigação do Wirecard está lentamente chegando ao fim. Alguém quase ficaria tentado a ser grato a Marsalek, pelo que foi descoberto por meio de seu comportamento na Alemanha e também em todo o mundo. Berlim, no dia 13 de abril, demonstrou mais uma vez que o todo organizacional das organizações e empresas foi quase totalmente substituído por softwares pouco inteligentes, caixas de entrada de e-mail e reuniões rápidas, em que as peculiaridades individuais dos funcionários cada vez mais dominam todo o ambiente

de trabalho. O resultado é o que os psicólogos chamam de dissonância cognitiva: uma realidade autocontida do indivíduo que é amplificada como em uma câmara de eco e que está em total contradição com a realidade externa verdadeira e inevitável; contra os quais o inconsciente tenta se proteger:

li no FT [Financial Times] que você é um cara muito mau ? ... aliás, eu comprei 3x ações do wirecard na semana passada, termine esse jornal!! ?
(membro do conselho supervisor do Deutsche Bank Alexander Schuetz em [troca de e-mail com o CEO da Wirecard Markus Braun](#) em 17 de fevereiro de 2019)

Ironicamente, multas ou mesmo sentenças judiciais contornariam o cerne da causa. Em vez disso, deve-se considerar seriamente obrigar o ex-chefe do BaFin, Felix Hufeld, a voar apenas para a 2ª classe e só pegar o trem por um tempo, e o Sr. Eichelmann talvez para ensinar a um grupo de desempregados alemães de longa data os conceitos básicos de negociação de ações, pessoalmente e no local por pelo menos dois anos consecutivos. Um Karl-Theodor zu Guttenberg talvez deva ser proibido de comprar mantimentos para si e para toda a família, exceto pessoalmente na Aldi, por um período mínimo de seis meses.

Talvez isso seja muito mais benéfico para a Alemanha e para o mundo inteiro.

<https://www.sun24.news/pt/bafin-o-decimo-terceiro-um-dia-13-de-abril-no-comite-de-investigacao-do-wirecard.html>